

Anistiado político: JOSÉ PEREIRA DE MARIA (Pe. Pereira)

Data de nascimento: 17/02/1926

Anistiado político: MARCO ANTONIO PEREIRA DE MARIA

Data de nascimento: 22/05/1951

Pe. Pereira: Estudei no colégio, depois no ginásio e isso nos fez participar de um grupo de jovens que gritava, andava. Eles não gostavam, achavam que éramos irreverentes, que estávamos em uma área e postura diferentes. Mas vivíamos assim, na luta por um Brasil diferente.

Marcos Antônio Pereira de Maria: Papai tinha propriedade rural, tinha criações e mexia com carnaubal também, que é da carnaúba, aquela árvore nordestina de onde se extrai a borracha. Ele era o chefe, o patriarca. Casou-se com a mãe do Pereira, depois com a minha. Sou do último casamento. A família do papai era grande. Criou vários filhos.

Pe. Pereira: Ele era inteligente, lia vários livros da época dele, mas falava firme, tomava posições raras e precisas. Todos os respeitavam. Tenho a honra de ser filho dele. Era um lutador. Do ponto de vista intelectual, raro. Manteve na casa dele cursos e mais cursos para o pessoal da região. Era um cara ligado a muita gente do Brasil, da época; intelectuais, celebres. Destoava do palpite da região na época. Hoje é diferente, de vinte anos para cá é diferente, mas grupos que participavam coordenando e propondo um projeto diferente para o Brasil, para o mundo, ele estava rente aí.

Estudei Filosofia e Teologia no grupo do seminário da igreja. Me ordenei em Olinda.

Sempre fui um cara com uma visão um pouco além e em oposição aos grupos da época. Naquele tempo havia em uma casa ou outra a informação geral que se dava, e nós éramos contra aquela opinião. Ficávamos contra a maneira de ver da igreja, da família, e etc. Eram as circunstâncias da época.

Marcos Antônio Pereira de Maria: Na nossa família temos o Pereira, outro irmão Padre, e uma irmã Freira. Papai era muito religioso, católico.

Pe. Pereira: O palpitante da época era essa figura religiosa, tradicional de amor à igreja e ao mundo, mas a partir de Jesus. Fomos pessoas ligadas a Jesus Cristo, mesmo quando discordávamos de tal aspecto que era mais social que religioso. Foi um encanto na época viver isso.

O Seminário também começava a mudar, e, então, íamos vivendo um mundo de luta pela justiça, pela participação, pelo reconhecimento, pela proposta do conjunto da sociedade. Ficávamos de certa maneira, tentando abrir uma nova estrada.

O Pe. PEREIRA

Marcos Antônio Pereira de Maria: Ele foi diretor do Colégio em Oeiras em seu trabalho como educador. Foi também assessor do Bispo de Teresina, Dom Avelar.

Quando ele veio para Goiás, vieram vários estudantes do Colégio com ele. Ele veio acompanhado de uns 15 a 20 estudantes, dentre eles o professor Zeus, que foi Vereador aqui.

Pereira mudou do Piauí para Goiás porque nosso pai morreu e ele precisava assumir nossa família. Ficamos desamparados, especialmente os quatro mais novos. Ele assumiu os novos, os velhos, e até os estudantes do Nordeste que ele trouxe. Ficaram todos sob tutela e orientação dele. Isso aconteceu nos anos 60.

Foi de suma importância. Quando meu pai morreu eu ainda era novo, não tinha conhecimento de nada, e o Pereira praticamente foi meu pai, meu e de todos os meus irmãos. Ele nos orientou e nos deu toda a formação que temos hoje.

Sou católico, mas uma coisa interessante é que ele nunca disse que eu tinha que ir à missa. Ele nos deixava livre e nos dava a oportunidade de escolhermos o que queríamos. Sua inteligência e formação como educador nos deu a oportunidade de escolha.

Pereira quando chegou a Goiânia foi o vigário da Vila Operária, e lá conseguiu reunir todas as religiões em torno da igreja. Toda a comunidade, o espírita, o protestante, o católico, todos fazendo o mesmo trabalho social para a comunidade. Os sem-terra também.

Padre Olímpio também andou participando do movimento que o Pereira operava. A meu ver, foi a inovação do Clero em Goiás, com sua participação na assessoria de Dom Fernando.

Uma passagem interessante aconteceu quando Dom Fernando o convidou para assessorá-lo. Naquela época os estudantes da Faculdade de Direito, na Rua 20, e todos os movimentos estudantis de revolta, “enterravam” Dom Fernando. Faziam um caixão e “enterravam” Dom Fernando como Bispo reacionário da época. Dom Fernando disse ao Pereira que precisava de um padre como ele, ligado a juventude para assessorá-lo, pois ele estava em maus lençóis. Pereira então foi trabalhar com ele, e assessorá-lo.

Naquela época existia uma turma bem ativa. Esse pessoal que “enterrava” Dom Fernando, era o pessoal que convidou Guevara e Fidel Castro para serem paraninfos da turma. Fidel Castro não pôde vir, mas Guevara veio. Foi na época em que Jânio Quadros era Presidente da República. Veio e participou da posse do Centro Acadêmico de Direito da Federal, na Rua 20.

A partir daí pararam de “enterrar” Dom Fernando pela ligação do Pereira com ele.

Foram criados os grupos de jovens católicos, JEC, JUC. Dentre esse pessoal podemos nos lembrar de alguns como: Pedro Wilson, Alvaní, Zoroastro, Flávio Peixoto, Ovídio de Angelis, Gilberto e Dr. Gilvan.

Dentro de todas essas movimentações, o casamento do Pedro Wilson, por exemplo, foi na minha casa. Pedro Wilson morava em uma república e trabalhou com o Pereira por muito tempo na Pastoral da Terra, na igreja, dentro dos movimentos religiosos.

O casamento do Valdir Camárcio também foi na Utopia. Pereira tinha uma chácara que se chamava Utopia, onde se reunia todo esse pessoal da época da ditadura. O casamento do Valdir foi com Pereira, Ático Vilas Boas e o Professor Milton Cabral vestindo uniformes ortodoxos russos. O Pereira, católico, em cima de uma carroça. Esse tipo de atividade era feito na chácara dele.

Foi um processo muito bom na época, com novas mudanças, novas orientações. A meu ver, Pereira tem uma participação fundamental nisso aí, nessa mudança de formação da Igreja Católica em Goiás, partindo de Dom Fernando.

Mauro Borges convidou o Pereira para ser seu Secretário da Educação na época, e ele não quis. Pereira nunca quis participar de Governo. Ele fazia o trabalho dele, mas não queria ser Governo. Veio então Padre Rui para ser Secretário. Posteriormente, ele insistiu muito para que Pereira fosse seu Secretário de Trabalho, e ele também não aceitou.

Pereira tinha um relacionamento muito bom com Mauro Borges. Inclusive, estive no Batista Custódio há uns dez anos atrás com Adhemar Santillo em uma entrevista, e o Batista perguntou quem era o irmão do Pereira. Adhemar disse que era eu. Custódio então me mostrou uma foto do Pereira benzendo a pedra fundamental do BEG na Praça dos Bandeirantes. Na foto estavam, Pereira de batina, Mauro Borges e Pedro Ludovico.

Nosso processo na época foi ativo, participativo em todos os sentidos. Acho que o Pereira e outros dessa agregação entre a igreja e os movimentos que participaram do processo contra a ditadura, tiveram uma participação fundamental e importante na área educacional. Os jovens estavam desorientados e precisavam de orientação.

Pereira foi fundamental na área dele. Dava oportunidade para os caras se expressarem, inclusive no relacionamento com a igreja que era difícil.

Na área educacional ele foi professor da Federal e da Católica. Dirigiu departamentos na Federal como o ICHL. Na Católica foi reitor por várias oportunidades. Sempre esteve ligado aos movimentos.

Acho fundamental a participação dele.

O GOLPE

Marcos Antônio Pereira de Maria: Naquela época eu era muito novo, mas me lembro de algumas coisas.

Na época do golpe vários políticos correram para Goiás, para serem escondidos da ditadura, pois a perseguição foi violenta. Dentre eles me lembro de Almino Afonso, que foi Ministro do Trabalho de Jango. Pereira juntamente com Dr. Samir conseguiu guardá-lo e ele ficou um tempo em Goiás, sendo protegido pelo pessoal ligado ao Pereira e outros amigos.

Posteriormente o Pereira teve um trabalho efetivo com grupos religiosos. Começaram a haver as perseguições contra o povo, contra os estudantes, e tiveram esses grupos autênticos e sérios

que não aceitaram, e começaram a demandarem contra, apesar da igreja ter apoiado o Golpe Militar. Esses grupos sérios, mais ativos começaram a se rebelar e participar com os jovens, não aceitando aquilo que estava sendo implantado no país. Com o trabalho de inovação, de um mundo melhor do Pereira, não tenha dúvida, começaram as perseguições também.

Houve um caso de um padre, assessor do Dom Helder, que foi morto em Olinda, e alguns amigos do Pereira vieram atrás dele para dizer que ele tinha que sair porque senão ele seria o próximo.

Foi uma passagem difícil e o Pereira foi para o exílio. Ficou por uns quatro anos na França, mas não ficou sem participar de nada, ele deu aula na Sorbonne, em Paris. Pereira sempre teve esse trabalho ativo no meio dos jovens, da comunidade menos favorecida, na educação. Ele foi um dos fundadores da Universidade Federal de Goiás e da Universidade Católica. Foi Reitor da Universidade Católica durante dezesseis anos. Pereira tem uma participação fundamental na estrutura da Católica, a começar dos jovens. A Universidade foi ampliada na estrutura, nos cursos. A criação do Museu do Cerrado que hoje é considerado o número um em visitas de turismo em Goiás. Ele teve essa visão do futuro.

Tentou também a democratização do processo de escolha dos reitores da Católica. Pedro Wilson, inclusive, foi eleito legalmente como reitor da Católica em uma eleição popular entre os estudantes, professores e funcionários. Lembro-me que na época seu adversário foi Jonas Silva, que posteriormente foi Secretário da Segurança Pública, e Pedro o venceu.

Foi também na época do Pereira que se iniciaram os trabalhos pela TV que foi recentemente inaugurada pelo novo reitor. O requerimento para criar a PUC foi iniciativa do Pereira na época. Nesse processo todo, acho que ele tem participação fundamental em tudo que está hoje aí.

Houve um processo violento na parte de moralização e evolução para um mundo melhor, de ligações com a igreja, os estudantes, os jovens, e o povo em geral na comunidade. Teve perseguições, e em duas, ou três, foi detido. Teve várias passagens como sendo inimigo do regime militar.

No processo de greves estudantis os estudantes se apoiavam na igreja. Só tinham o apoio da igreja, que era Dom Fernando e o Pereira. Os estudantes iam para a Catedral em todas as atividades. Até hoje os professores mantêm esse contato com a igreja.

Em uma dessas greves estudantis, a polícia entrou e atirou dentro da igreja. Telmo de Faria, que também era dessa turma de Direito de 60 da Federal, levou um tiro dentro da igreja. Estavam também querendo pegar o Pereira, e Dom Fernando se alterou. Meira Matos esteve aqui entrevistado, e disse muita coisa para o Coronel.

ANISTIA

Marcos Antônio Pereira de Maria: Coloco o problema do Pereira como o do Gilberto Gil com Caetano. Chegou uma hora que o negócio não era ficar lá, era voltar.

O mundo e o Brasil já haviam mudado um pouco. Já se estava tendo o processo de abertura da anistia, e os amigos dele, professores, intelectuais, padres da época acharam que ele deveria voltar, como ele voltou. Ele ainda voltou antes da anistia,

A Anistia na época em que veio, foi da época do Prestes, de outro pessoal. O problema da anistia foi com o pessoal mais novo. Pedro Wilson foi o Presidente da Comissão da Anistia por muito tempo. João Divino Dorneles, Deputado de Campinas, já falecido, foi também um dos primeiros Presidentes da Comissão da Anistia. Esses grupos que ficaram participaram ativamente do processo de discussão dessa abertura democrática. Era esse pessoal mais novo como o João Silva, Paulinho de Jesus, Mirim do grupo Tortura Nunca Mais, o irmão do Marco Antônio que morreu e está desaparecido, o Malan, o Jacques, Rui Português que foi deportado, Chiquinho Sapienza que participava do grupo do Lyceu, Juarez Ferraz da Maia, a Olga D'arc Pimentel que foi Presidente do Grêmio do IEG, o Alan Kardec Presidente do Grêmio do Lyceu de Goiânia, e muitos outros da minha época de secundarista.

A lei de indenização aos anistiados começou com Fernando Henrique Cardoso na tentativa de reparar esses episódios ruins que aconteceram no nosso país. Ele criou essa Lei para amparar. Muitos morreram, muitos sofreram. Tentaram reparar, mas não há como reparar a morte de um cara que foi torturado, espancado. A tortura física política é violenta.

Fernando Henrique Cardoso conseguiu abrir esse processo que achei importantíssimo. Veio o Lula, aperfeiçoou, e está agora a Dilma também tentando agilizar esse processo, mas é difícil mudar a sociedade de um dia para outro.

Ainda existem uns desvios, que agora mesmo o Estado de 30 está aí do mesmo jeito. Houve esse processo de democratização, mas não tiveram muitas mudanças do aparelho repressivo no país. Continua o mesmo, intacto. Podemos observar as atitudes, como houve recentemente em São Paulo, uma desapropriação. Entraram como se os caras fossem perigosos. Derrubaram as casas, espancaram velhinhas, mães, filhos. Um ato desses em uma democracia em pleno Governo nacional do PT. Porque lá era do PSDB, partido do Fernando Henrique Cardoso, que também esteve exilado e foi anistiado.

O processo não mudou muito. Tem um dito popular que diz “Mudou a coleira, os cachorros são os mesmos”. Mesmo que alguém tente mudar a estrutura, o processo é violento.

Henrique Meireles, que era Presidente do Grêmio do Ateneu Dom Bosco criou a CGE – Cooperação Goiana dos Estudantes para apoiar o golpe militar contra a UGES do Tarzan, do João Silva, do Santa Cruz e de muitos outros.

Depois disso, Henrique Meireles sumiu de Goiás, desapareceu, e nesse processo de transformação não tinha quem cuidasse da CGE, e o pessoal que lutava contra a ditadura a assumiram na clandestinidade. Dentre eles, Juarez Ferraz da Maia, professor da Federal, que também esteve no exílio e trabalhou com Samora Michel em Moçambique, como Padre Rui que também participou na época. Foi um processo de reintegração da sociedade civil.

Como a vida muda! Henrique Meireles, Presidente do Banco Central em um Governo de esquerda do PT. Lula o convidou. Para vermos como a política é dinâmica, Meireles ajudou a criar um negócio para massacrar o pessoal da esquerda, depois voltou sendo chefe da área mais importante do Governo, o dinheiro, o capital. Estamos um mundo capitalista, o capital é que domina tudo.

MARCOS PEREIRA

Dentro desse processo, eu também tive um problema com a revolução, estive preso por sete meses. Participei dos movimentos estudantis em Goiás, e no Brasil.

Naquela época aconteceu uma passeata, e depois da repressão da passeata, no dia 7 de setembro, houve um choque com as forças de segurança. Euler Ivo e sua irmã Marina tinham uma participação ativa, eram daquele pessoal da Campininha. Paulinho de Jesus também, e foi Presidente do Grêmio. Nós tínhamos atividades em Goiânia, eles na Campininha, mas nos uníamos em um bem comum, que era lutar contra a ditadura. No dia desse protesto, mataram um lavador de carro na Praça dos Bandeirantes pensando que ele era o Euler Ivo.

Dentro desse processo nessa época, fomos para um congresso da UBES – União Brasileira dos Estudantes Secundaristas, em Belo Horizonte, na Avenida Amazonas, no Colégio dos Padres Salesianos. Esse congresso foi realizado a uma quadra da 4ª Região Militar.

Fizemos o congresso, e pela força política de Goiás conseguimos eleger três elementos que nem para o Congresso foram: o Alani, o Euler, que elegemos para um cargo importantíssimo, Secretário Geral da UBES, sem ele nem ter ido ao Congresso.

Goiás era considerado nos congressos daquela época, como terceiro colocado a nível nacional, só perdíamos para o Rio e para São Paulo. Apesar de ser um Estado pequeno naquela época, o movimento era muito atuante. Tínhamos uma participação muito ativa, de linha de frente.

A diferença dos grupos mais ligados à igreja e a do pessoal mais tradicional, era que nosso pessoal ia para a rua protestar a ditadura. No dia 7 de setembro o pessoal fazia passeata enquanto o pessoal estava desfilando. Por várias vezes chegaram a cercar o Lyceu durante a noite para que os estudantes não saíssem, mas onde os grêmios eram ligados à igreja, os estudantes eram mais combativos, mais atuantes.

O pessoal não era muito bom de reunião, era no participativo, no dia a dia, na luta mesmo.

A Polícia Federal prendeu vários colegas meus da área estudantil, o DOPS, a Polícia Estadual, e em Goiás me parece que somente eu fui preso pela Polícia da Aeronáutica. Mandaram um avião da Aeronáutica para me buscar sozinho.

Fiquei por três horas no 10º BC, o avião veio me buscar especialmente, e fui para Brasília. Fiquei na Base Aérea de Brasília por volta de uns trinta dias, e depois fui transferido para o PIC da PE, lá tinha X1 e X2. Dentro desse período tive a oportunidade de conhecer frei Beto.

De Goiás estavam presos também o Presidente do PT Valdir Camarcio, o Vanderlindo de Catalão, que é geólogo; João Arnolfo, Alan Kardec, que foi Presidente do Grêmio do Lyceu, Jacques Silva que hoje trabalha na assessoria de um Senador do PTB em Brasília, e a Olga D'arc Pimentel. Tiveram outros que não foram presos comigo, mas que também tiveram papéis importantes na época. Foi o caso do Mirim do Grupo Tortura Nunca Mais, do seu irmão Marco Antônio que o corpo até hoje está desaparecido, Chiquinho Sapienza, Rui que era português e chegou a ser deportado na época.

Esses colegas eram todos da época estudantil e alguns partiram para a luta armada. Todos eles foram presos, porque a maioria já estava nesse processo de luta. Na época quando fui preso, eles pensaram que eu também estivesse.

Quando fui preso Pereira não estava no Brasil, e eles achavam que eu estava coordenando alguma coisa em Goiás. Deram-me essa relevância e me levaram para Brasília. Fui torturado, me levaram para o final da pista e disseram que se não entregasse, inclusive o Pereira, eles diziam que ele e o Dom Fernando eram comunistas, que eu seria fuzilado na pista do Aeroporto de Brasília. Na base, estava chovendo, era mês de fevereiro. Foi um processo violento, peguei uma pneumonia e fiquei no Hospital Militar por uns quinze dias. Estava com minhas pleuras inflamadas devido as porradas que levei nas costas. Foi um processo difícil.

À medida que iam prendendo meus colegas que estavam no processo de luta armada, eles iam me tirando a culpa. Na época me chamavam de Pereira, e concluía que eu não estava nesse processo, que meu processo só foi na época da política estudantil. A medida que prendiam um, me tiravam um pouco da responsabilidade.

Aconteceu um processo em que o General Bandeiras pegou a turma toda de Goiás, disse que arrumaria emprego para todos, e todos iriam na televisão dizer que estavam arrependidos de terem sido terroristas. Os outros aceitaram, eu disse ao General que não iria porque eu não era terrorista. Disse ainda que havia lutado por um mundo democrático, contra a ditadura, mas que eu não havia feito nenhum ato de terrorismo. Eles disseram que então eu mofaria por mais tempo. Os outros saíram e eles realmente arrumaram emprego para cada um deles.

Quando saí, eu tinha um empreguinho, fui mandado embora porque não tinha voltado mais, tentei voltar, mas não consegui.

Tinha um Bispo de Porto Nacional, Dom Alan, um francês que conhecia o Pereira, conhecia todo mundo. Fiquei confinado lá por seis meses sob responsabilidade da polícia. Não podia sair da estrada, ficava em quarentena.

O Bispo me levou um dia para almoçar e me deu uma carta para que eu pudesse encontrar um emprego. Até hoje guardo essa carta, dizendo que eu era uma pessoa boa, de família religiosa, irmão de padre, que eu não participava de luta armada. Eu não consegui emprego, foi uma fase difícil aquela. Quando saía na rua aqui em Goiânia e encontrava algum conhecido, ele corria para o outro lado da rua para não te cumprimentar. Dava aquele baque violento nas pessoas.

Naquela época eu estava preso com o Jacques, e tinha o Dr. Rômulo, um famoso advogado que defendia os presos políticos de Goiás. Em uma de suas idas, houve um acidente com a mãe do Jacques. A mãe dele morreu em um dia de quinta feira, dia de visita para os presos. Dr. Rômulo levava os parentes para visitarem os presos. Eu estava na cela ao lado da de Jacques. E nessa quinta feira, às 8 horas, ele bateu na mesa me chamando, me dizendo que estavam soltando ele, que ele estava indo para casa. Ele ainda me perguntou se não tinha algum recado, eu disse para que ele dissesse que estava tudo bem comigo. Quando foi às 22 horas ele voltou, tinham levado ele para o enterro da mãe dele.

Jacques Silva sofreu muito. Presenciei sua passagem pelo 10º BC, passagem violenta. Um Capitão que lamentavelmente se chamava Marconi, falava que Jacques era perigoso, chegava

com um cigarro aceso e colocava a ponta queimando o braço do Jacques. Presenciei esses episódios vividos por ele. Hoje ele está bem, vive em Brasília e é assessor de um senador.

Eu assessoriei quase todos esses governos do PMDB. Desde a época do Iris e do Santillo, meu último cargo comissionado foi de Secretário Particular do Prefeito de Anápolis, Adhemar Santillo. Sou ligado à família a mais de trinta anos. Houve um processo em que eles lutaram contra a ditadura e eu, como estudante naquela época, fiquei encantado com o Henrique e Adhemar Santillo, os irmãos coragem. Eram os únicos que falavam contra a ditadura.

Teve uma diferença muito grande entre o Governo do Iris, do Nion e de outros. Esses outros não iam para a luta. Eles foram votados para o serviço, foram cassados, mas voltaram calados sem falar nada contra a ditadura. Os Santillos eram quem de fato metiam o pau contra a ditadura militar. Lutavam em favor dos trabalhadores, operários, estudantes. O pessoal do PC do B também, entre eles o Aldo Arantes. Era essa a frente que existia.

Naquela época não tinha PMDB, Arena, PT, era uma grande frente, e todos ficavam no MDB, que hoje é PT, PC do B. Com a anistia os partidos se dividiram e cada um seguiu sua orientação.

A meu ver foi um processo violento nessa época. Mas tudo passa e está hoje esse jovem aí, Padre Pereira.